

O Seculo Comico

O SECULO



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

ACTUALIDADES



A verdadeira situação da Imprensa.



PALESTRA AMENA

Estrangeiros

Estão cá estrangeiros de alta categoria e os jornaes serios não se cansam de recomendar que não façamos figuras tristes deante deles, para não irem lá para fóra desacreditar-nos; temos muito tempo para nos comermos uns aos outros, sem testemunhas.

Mas não era mau que se dissesse e se teimasse em dizer, até se meter pelos ouvidos de todos a recomendação, que não é só quando ha congressos internacionais que convem ter compostura e educação; numerosos estrangeiros nos visitam normalmente e milhares deles aqui permanecem, de tão bons olhos como os congressistas commerciaes.

Ora então, tenham a bondade de botar a vista para a verdadeira historia que se segue e que pode ser testemunhada por pessoas de todo o respeito.

Ha tempo, num carro que partia para o Dafundo, meteu-se um casal de estrangeiros, sentou-se e o macho do casal, chamando delicadamente o condutor, avisou-o, em pessimo mas comprehensivel portuguez, que só tinha dinheiro francez.

A resposta immediata, do condutor, foi:

—Que bestas! julgam que tenho obrigação de cambiar dinheiro!

O passageiro e a passageira parece que não perceberam, porque se conservaram impassiveis. D'ali a pouco, o funcionario da Carris perguntou-lhes para onde queriam bilhete:

—Para Belem, respondeu o homem, em pronuncia afrancesada.

O condutor cortou dois bilhetes, entregou-os e esperou. O passageiro tirou da algibeira um franco, entregou-o e como o condutor continuasse de mão estendida, entregou segundo franco; a mão do nosso amigo não se retirou, porém, pelo que o francez se esportou com mais um franco... Ao terceiro juntou-se quarto e a este juntaram-se cincoenta centimos, perguntando então a senhora que acompanhava o passageiro:

—«Çà ne suffit-pas?»

«Sufiz», como diriam alguns tradutores que nós conhecemos; e da Carris julgou-se satisfeito, arrecadou os francos e nenhum outro passageiro fez observação alguma, apesar da boa vontade que todos tinham de a fazer, para que os estrangeiros os não supuzessem convenientes no caso.

Este condutor é dos tais a quem seria conveniente meter a recomendação, acima referida, p'los ouvidos, com um fuso, se não pudesse ser d'outra maneira, porque o casal deve ter ficado admiradissimo por pagar do Rocio a Belem o que noutras cidades estrangeiras pagaria se fizesse analogo trajeto em automovel—assim como terá estranhado, se n'algun outro carro se meteu e lhe levaram o dinheiro justo, que lhe tenham exigido 10 centavos por

uma passagem cujo preço no respectivo bilhete está marcado por \$09.9 Como demonio ha de conceber um estrangeiro o facto d'uma Camara Municipal consentir, para fazer receita, que se pague uma quantia que não existe realmente em moeda corrente?

Dir-se-ha que d'isto sempre houve em Portugal. E' verdade, mas d'a'nes dava-se só no Pinhal da Azumbuja e na Falperra, que não eram pontos obrigados para «touristas», nem recomendados pela Propaganda de Portugal.

J. Neutral.

Politica

De ha muito que consideramos que a verdadeira politica é um homem fóra de sua casa, sem a sua mulher e os seus filhos, pelo que de tal regedoria nada percebemos nem queremos perceber: antes de sair de casa resamos o Credo e seja o que Deus quizer.

Mas desta vez permitam-nos que metamos colherada, para lhes dizer que entravistámos o sr. Bernardino Machado e que ficámos convencidos de que, não só não tinha havido nenhuma crise politica ou ministerial, como elle fartou de asseverar, mas até que com sua ex.^a no poder tudo se teria harmonizado.

—Que diz v. ex.^a á solução Machado dos Santos? interrogámos.



—Optima. Eu estava pronto a receber-lo no governo e a dar-lhe qualquer pasta.

—Mas ha quem diga que tudo isto foi feito por via do Liberato Pinto...

—Mas eu sou amicissimo do Liberato e cá estava de braços abertos para o receber.

—Parece que havia descontentamento por causa das transferencias de certos officiaes...

—Ora! transferencias! Mas eu sou doido por esses belos rapazes e tanto que se eles quizessem vir cá para o ministerio sempre se lhes havia de arranjar logar...

—Mas não haveria n'isto tudo o dedo do bolchevismo?

—Bolchevismo? Mas você não imagina quanto eu estimo o Lenine. Tenho por esse excelente homem uma verdadeira adoração, e até tencionava manda-lo vir da Russia e oferecer-lhe uma pasta...

—E os integralistas? Não haveria por traz disto alguma perlice de D. Duarte?

—Mas que viesse, que viesse! Eu fui sempre maluco por crianças. Dava-se-lhe um pastasinha, pois então.

—De modo que tudo se teria harmonizado...

—Sem eu sair? pois decerto. Em todo o caso eu cá estou para reentrar, á primeira indicação...

Com um homem d'estes não sabemos como possa haver descontentes!

Regulamento das serviaes

As «pobres chicas que tienen que servir» estão escamadas como baratas porque as querem obrigar a ter livrete, com as referencias, agradaveis ou não, dos respectivos patrões alem de lhes quererem azer pagar o que partam e obrigar a não ter o baú em casas estranhas.

Somos pelo sexo franco em todas as «irinstancias e pela fraqueza das criadas, em especial, porque são umas



desgraçadinhas, que actualmente só ganham em media 20 escudos, por mês, com casa, comida, etc., obra d'uns trzentos escudos. Pelo que propomos que os patrões é que devem ser obrigados a livrete, onde as criadas, ao serem despedidas, deixem escritas as suas impressões ácerca d'elles, da familia e da casa.

Emfim, tudo isto ha-de acabar em bem, isto é, a lei não se cumprirá; em ultimo caso a guarda republicana tomará posições na Rotunda em favor das serviaes ou estas assentarão pesadamente as suas baterias—de cozinha—e o sr. presidente da Republica considerará a imposição com indicação da vontade popular e para que não haja cabidela demittirá o ministerio e dissolverá as cortes que não abolirem o livrete.

Correspondencia

TELEGRAFIA (SETUBAL)—Ainda é cedo. No fim deste mês saberá se teve a sorte grande.

B. M. (TAVIRA)—Mandamos pelo primeiro correio, mas não abuse, porque não somos moços de recados.

CLEMENCIA—Se não fosse senhora apanhava uma resposta que a deixava de cara á banda. Assim, mandamos-lhe um beijo. Gosta?



TEATRADAS

Carta do Jerolmo

Amétade do mê curassão.

Lansso mão da penna não só mas tamen pra çaber da tua çande ca minha ó fixe ó fazer de esta grassas ás cabassas i a deus noço senhor que tucon desta vez nu curassão do senhor presidente desta gran tísissima Repuvlica i vai fez cun que elle pedice que não óvece çangue darramado i vai dain int' agora nan ce disparou tiro nenhum nim talvez ce dispare deus mi oça i u diabo seja çardo. Nan çbe esta cemata pra doide ma via de voltar cun tan' o triato, mas infin lá vão duas régras a respéto du «Adão i Eva» que foi a ul tema pessa que vin ca prumera foi a «Simone» cuja esta é filha da mãe cu pai mattou porque le fazia u ninho cun u amigo atraz da urelha i a Simone ten munto orior ó pai mas cun u avó pai da mãe mu rida le diz cu pai fés ben in matar a mãe já le não ten orror antes pelo cuntrario, cun muntos aplauzos á Estiquiniázinha que ten uma carinha que pasesse u fucinhito duma gatinha munto galante que inté cando xora pasesse que ri i a jente acin ó



Mais um!

*Não sabem quem é este? E' o mais um!
E' o que nós çabemos... é o tal...
O que acha que vai tudo muito mal...
O çás-traz! lá vai bomba! O pum! pum!
pum!*

*O que ao mais leve e tímido zum-zum
Vai à Rotunda, corre ao Arsenal,
O da eça, da espada, do punhal
O da bala dum-dum e não dum-dum!*

*O que se desespera quando ha paz!
O que nasceu na alma d'um canhão!
O que faz que faz muito mas desfaz!*

*O que hoje está danado como um ção
Por ter saído e ter voltado atraz,
Por se ter adiado esta função...*

BELMIRO.

nha i á nu medico que descobre que pra fridas nu péto u melhor remedio é fazer as vontades ós fridos ca té ce çalvam com iço; munto bem; u pai du Palma que é u Utello tondo brugnês i inimigo dus bolxevista vai á prisão tor cun u Alves e di-le cu ministro dá a liberdade ó Alves ce ele ce retratar das çuas bolxevices é intão posto en liberdade u Alves ia logo n'un otomovel ó espirital i çalvava u Palma. Mas u Alves é que está-se nas tintas pra vultar cu a palavra atraz; murrer pur murrer lá pró paraizo dus bulxevistas áde elle ir indas qui u leve mel diabos. Ora já ce çabe u Utello u que é é munto estupedo benzó deus, porque ce pe de pra darem liberdade condicional ó preso para elle ir ó espirital curren a çalvar u futuro cunhado i voltar ós pois pró limuéro cin ce retratar tudo ce tiuha arranjado prefetamente i acabado in ben, mas isto de brugnêses ção cempre tappados i vá, vá cu Alves, tamen pudia ter eça alimbrança mas cunmo ten de fazer muntos discursos durante a pessa não ademira que não ce alembre diço i á outra peço que tamen ce pudia alimbrar du mêmo i não ce alembra que é a Berta Bivaria mas tamen tem esculpa porque as molheres ção cabessas nu ar i esta intão nan te digo nada ó Zefa cenão pur museca i cun isto nan çou mais istenço porque ção oras de ir pra val de lensois i inté cando deus quixer çoidades pra tondos i bejos nos mêos filhos i teus tamen cigundo dizes i nan te esquesas de ulhar pellos noços bacros cas minhas ce fazer desta ço á vista trão fin deste ten cempre marido munto ubrigado.

Jerolmo

Emprezario do Paullteamã
de Peras Rulvas.

A doença do sr. Trancoso

Foi atacado d'uma doença misteriosa o sr. Trancoso, commissario dos abastecimentos, achando-se os medicos atrapalhadissimos para lhe fazerem o diagnostico.

Parece de caracter nervoso, mas de positivo a medicina ainda nada pode dizer. O doente começou por dizer palavras soltas, sem ligação logica, como: — Açucar... carvão... feijão... azeite...

Esteve assim tres dias. Chamado um especialista de doenças mentais, conseguiu que as ideias do sr. Trancoso seguissem outro rumo; deixar de di-



zer aquelas palavras, substituindo-as por esta, que repetia com assustadora frequencia:

— Tabelamento... tabelamento... tabelamento...

Depois de fortes calmantes socegon um pouco, mas passados dois dias manifestou uma ideia fixa, contraria áquela e largou a dizer.

— Não tabelamento... não tabelamento... não tabelamento...

Não houve remedio senão afasta-lo das suas funções e espera-se que a applicação do capacete de gelo o melhore um pouco. Oxalá, porque, com ele, isto agora de preços de generos alimenticios i a não bem!

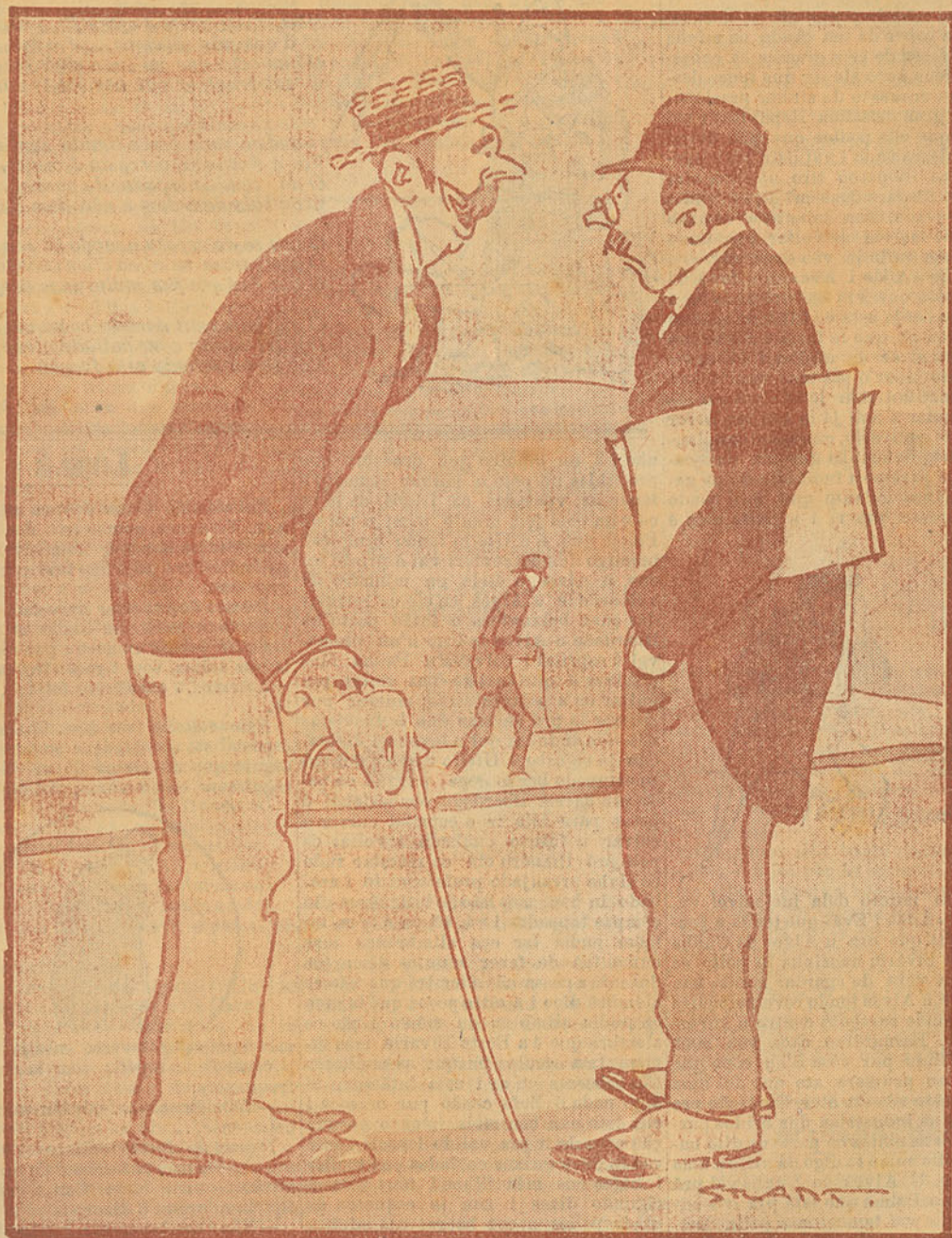


que gosta munto dela inclusivel en. O's pois «Adão i Eva» que touda a jente sepunha que era u Alves da Cunha i a Berta Bivaria nuasinha in pollo ca quilo é ca vera de agardar munto nan çinhora: é u Alves tondo revolucionario i uma grande zaragata contra u governo du sr. Barnardino cada vez mais Raxado, tudo pur çosa d'un copo que ce parte nu prumero ato que foi nua indêa munto vó du ator Curtazão pra fumentar as industrias dus bridos porque tondas as noites ce parte u dito çujapartidella cunmo ta digo dá urjea a uma revulsão. U Alves da Cunha vai prá barnarda u Palma que istá pra eer cunhado delle vai tamen mas pelia banda du governo i vai dain u Palma leva cu uma balla nu péto vai pró espirital i u Alves da Cunha pró limuéro. Intó, ca contese coisas da jente ficar arelimpada de tondo minha Zefa: u Palma istá vai não vai pra murrer mas dale pra creer fallar ó Alves da Cu-

INABALAVEL

«Um sabio descobriu um fluido por
meio do qual obriga as pessoas a dizer
a verdade...»

(Dos *Jornaes*)



— *Dei o tal fluido a minha mulher: morreu, mas não disse a verdade!*